



# AINDA A SÁTIRA EM JOSÉ CARDOSO PIRES

por JOSÉ PALLA E CARMO

Num estudo elaborado há alguns anos e recentemente republicado (*in Do livro à leitura*), ocupei-me do "significado real e dimensões morais na obra de José Cardoso Pires"; e aí tive ocasião de, entre outros aspectos, acentuar o propósito de crítica ética que a anima e alguns dos processos que para tal utiliza — a deformação surreal, nalguns textos, a ironia, noutros, as comparações simbólicas com animais, noutros ainda, o apontar de deficiências físicas nalgumas personagens (a surdez, por exemplo), o aglutinar na mesma personagem da tripla função de pessoa, tipo e símbolo. E concluí: "Eu creio que, definindo com realidade literária as dimensões humanas dos problemas, José Cardoso Pires nos vem dando o significado moral da posição que cada um de nós toma em relação a eles."

Retomo estes pontos não pelo prazer de me citar, que não é grande, nem para pronunciar um rigoroso estudo crítico sobre o seu último volume — *Dinossauro Excelentíssimo* —, pois que as presentes linhas constituem um simples e apressado apontamento de apresentação, mas sim para sublinhar que não terá razão quem considerar esta obra algo de estranho ou de radicalmente novo na produção do autor de *O-Delfim*.

(Cont. pág. 3)

## HOJE DE MANHÃ

por PEDRO TAMEN

NASCESTE TU ONDE OS CAVALOS BEBEM,  
ONDE OS RIOS SE VIRAM PARA O VENTO  
E OS VENTOS UM AO OUTRO SE PERSEGUEM  
ATÉ AO NÓ DO SEU SUSTENTO.

VIESTE DE ONDE A NOITE SE DESTINGE  
TÃO LENTAMENTE EM CACTO E AMARELO,  
DE ONDE A PAPOILA ABERTA NÃO SE FINGE  
OUTRA COISA QUE O GRITO, A PAZ E O SELO

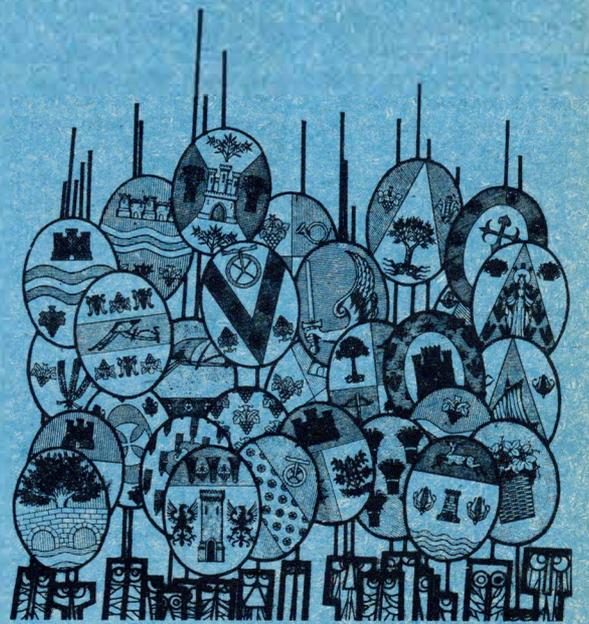
PÁGINAS CENTRAIS

## KOVADLOFF FALA A "A CAPITAL"

"Os objectivos e as características da no-  
víssima poesia portuguesa do quotidiano coin-  
cidem com as de uma das tendências da poesia  
do meu país, que neste momento possui nume-  
rosas culturas: a poesia social (...)"

(Cont. pág. 5)

ENTREVISTA DE  
AFONSO CAÚTELA



A CAPITAL /

LITERATURA E ARTE

# AINDA A SÁTIRA EM JOSÉ CARDOSO PIRES

(Cont. da pág. 1)

Trata-se, é bem de ver, de uma sátira. E a sátira, como aponta o ensaísta britânico James Sutherland (in *English Satire*), tem como material “as tontices e imperfeições e defeitos dos homens”. Ao contrário, porém, do escritor cómico, que “os aceita com divertimento desprendido, atento mas tão pouco preocupado com questões morais como quem observa a vida dos pássaros”, o escritor satírico “não pode aceitar e recusa-se a tolerar; perante essas mesmas deficiências humanas, sente-se compelido a protestar.” A sua intenção é “expor, ridicularizar, condenar. Enquanto o escritor de comédias se contenta com interessar e divertir, o de sátiras procura persuadir os homens a que admirem ou desprezem (...), a que examinem os factos desagradáveis, espriem o que se encontra debaixo das aparências”.

É o que José Cardoso Pires faz, ao expor – por vezes com aparente e irónica admiração – os principais sucessos da vida do Imperador, mais tarde Dinossauro I. Não é só, todavia, o Imperador o satirizado, mas também os seus conselheiros e o Reino que governam – o Reino do Mexilhão, depois Comarca dos Doutores, depois Reino da Comarca.

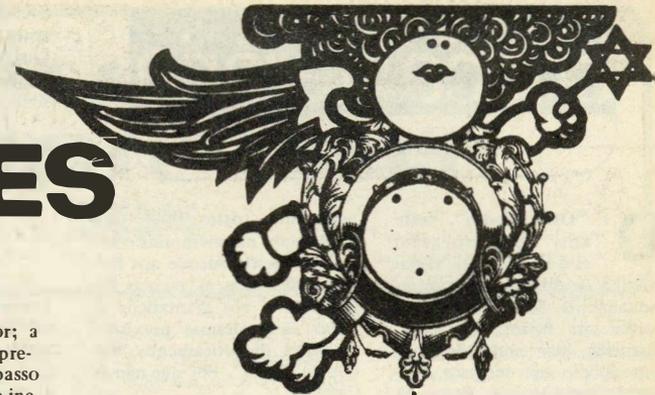
Muitas histórias-irónicas ou chocarreiras, subtis ou directas, mas sempre críticas – correm sobre e contra os Imperadores deste mundo, até ou sobretudo em vida deles: mais uma, embora póstuma em relação ao seu sujeito, será ainda uma forma de os combater, principalmente se for, senão o levantamento de todos os seus reais e concretos malefícios, pelo menos a dura exposição do tarfufismo inerente a alguns dos seus alegados benefícios abstractos.

Larga é, com efeito, a paleta de processos de que os escritores satíricos se servem. Enumera alguns deles Arthur Pollard (in *Satire*), sob a designação geral de alegorias satíricas: a biografia, a fábula, a utopia, as viagens, o paralelismo bíblico. Repare o leitor: de tudo isto encontramos neste livro. Enuncia ainda Pollard os tons que podem insuflar a sátira: o espírito, o ridículo, a ironia, o sarcasmo, o cinismo, a invectiva (e também alguns deles estão, presentes neste obra, aliás pendendo acentuadamente para o lado mais pesado desta escala crescente).

O inicial tom de história infantil vai-se esbatendo à medida que se viram as folhas: o emprego de palavras ou frases curtas com destaque tipográfico, como se fossem “balões” de histórias em quadrinhos, dá ocasionalmente lugar ao seu emprego como reforço adjecti-

vante do período anterior; a atmosfera surreal entra a predominar a partir de certo passo – o que talvez seja lógico e inevitável: pois não é a realidade descrita já tão estranha, tão incrível, tão caricatural em si própria? E neste ponto – o da atmosfera surreal – lembrei-me

da parte final do *Barranco de Cegos* de Alves Redol, assim como a descrição da mentalidade dos dê-erres (*daqueles* Drs., note-se) me fez recordar o Dr. Mirinho da *Barbela* de Ruben A.



sentido de humor que o caracteriza. Apenas lamento que – provavelmente não por culpa sua, mas da concepção da edição – elas não concretizem, excepto em dois ou três casos, a técnica dos balões dos *comics*, que me parece ter sido visada por Cardoso Pires nas palavras e frases curtas a que acima aludi. Ficam estas assim confinadas à composição tipográfica, quando poderiam assumir a sua plena função nas ilustrações.

E – regressando às minhas primeiras linhas – lá está, a encerrar a fábula, a conclusão moral: “Fecha o livro. Arruma-o em qualquer parte e manda passear os fantasmas. Fartámo-nos de falar de mortos, de velhos, de mistérios, quando afinal temos tanto para viver. Não é?”

O texto é acompanhado de engenhosas ilustrações de João Abel Manta, impregnadas do

JOSÉ  
PALLA E CARMO